RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano V, v.1 2025. | submissão: 01/08/2025 | aceito: 03/08/2025 | publicação: 05/08/2025

A Pedagogia da Mironga do Mestre Griô Dilermando Freitas: por entre o encanto e o segredo

Pedagogy of Mironga: Ancestrality, Orality, Musicality and Secrecy in the Work of Mestre Griô Dilermando Freitas

Dilermando Freitas– UFPEL[1]
Felipe Martins - UFPEL[2]
Maria Eduarda Costa - UFPEL[3]
Denise Bussoletti - UFPEL [4]

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte da proposta da Pedagogia da Mironga, desenvolvida pelo Mestre Griô Dilermando Freitas, articulando encanto e segredo. A experiência, realizada no âmbito do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativa, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS) e do Programa de Educação Tutorial Fronteiras: Saberes e Práticas Populares (PET Fronteiras), é tomada como perspectiva de aproximação e reflexão acerca de saberes que tensionam as fronteiras entre universidade e comunidade, ciência e práticas populares. O trabalho apoia-se nos percursos, reflexões e desafios empreendidos pelos grupos ao longo de vinte anos, fundamentando-se na etnografia surrealista (CLIFFORD, 2002), reelaborada como "surrealização" da escrita de pesquisa (BUSSOLETTI, 2007), e nos projetos do PET Fronteiras, que buscam estabelecer conexões entre saberes populares e a universidade, promovendo o intercâmbio de conhecimentos e reduzindo hierarquias que, historicamente, conferem poder superior às produções acadêmicas. A investigação insere-se na perspectiva das epistemologias não coloniais, dialogando com autores como Walter Benjamin, Nego Bispo, Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas e, de forma central, com a experiência narrativa dos Mestres da Cultura, representada na prática do Mestre Griô Dilermando Freitas. O fio condutor entre os trabalhos de ensino, pesquisa e extensão e o trabalho do Mestre Dilermando é a luta acadêmica e política contra o empobrecimento da experiência narrativa, tal como instaurada pela modernidade capitalista. A partir da proposta do Mestre Griô, o artigo referencia a importância dos saberes da mironga, reconhecendo sua dimensão de segredo e sua potência de encantamento.
Palavras-chave: Pedagogia da Mironga. Griô. Saberes Populares.

ABSTRACT

This article presents a segment of the Pedagogy of Mironga, developed by Griô Master Dilermando Freitas, articulating enchantment and secrecy. The experience, carried out within the Interdisciplinary Research Group on Narrative, Art, Language, and Subjectivity (GIPNALS) and the Tutorial Education Program Fronteiras: Popular Knowledge and Practices (PET Fronteiras), is taken as a perspective for approaching and reflecting on knowledge that challenges the boundaries between university and community, science and popular practices.

[1] **Lattes ID** Disponível em: http://lattes.cnpq.br/4244809974951147

[2] **Lattes ID** Disponível em: http://lattes.cnpq.br/4115190263903268

[3] **Lattes ID** Disponível em: http://lattes.cnpq.br/3390515122405639

[4] **Lattes ID**. Disponível em: http://lattes.cnpq.br/3000225561008826

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

The work is grounded in the trajectories, reflections, and challenges undertaken by these groups over the past twenty years, drawing upon surrealist ethnography (CLIFFORD, 2002), reworked as the "surrealization" of research writing (BUSSOLETTI, 2007), and on PET Fronteiras projects, which aim to establish connections between popular knowledge and academia, promoting the exchange of knowledge and reducing the hierarchies that have historically privileged academic production. This investigation is situated within the framework of non-colonial epistemologies, engaging with authors such as Walter Benjamin, Nego Bispo, Luiz Rufino, and Luiz Antônio Simas — and, centrally, with the narrative experience of the Culture Masters, represented in the practice of Griô Master Dilermando Freitas. The thread that connects the teaching, research, and extension activities with Master Dilermando's work is the academic and political struggle against the impoverishment of narrative experience as instituted by capitalist modernity. Based on the Griô Master's approach, the article underscores the importance of the knowledge of mironga, recognizing its secretive nature and its power of enchantment.
Keywords: Pedagogy of Mironga. Griô. Popular Knowledge.

1. A "CIÊNCIA ENCANTADA DA MACUMBARIA"

Este trabalho se inscreve na perspectiva de uma epistemologia do encantamento, que reconhece na macumbaria não apenas as práticas religiosas ou culturais, mas sim, os modos de produção de conhecimentos enraizados na ancestralidade africana e afro-brasileira. A macumba, enquanto ciência encantada, desafia o paradigma ocidental que separa corpo e pensamento, rito e teoria, segredo e saber. Ela propõe uma outra relação com a vida e com o conhecimento, na qual aprender pode ser compreendido como um processo de "desatar os nós do pensar" em busca do encanto "como sopro de palavra".

> A macumba é ciência, é ciência encantada e amarração de múltiplos saberes. É assim que ela é versada no segredo da jurema, dos catimbós, torés, babaçuês e encantarias. Não somos nós que dizemos; as falas são dos mestres ajuremados e acaboclados nas cidades encantadas e na textualidade das folhas. Por isso, para o que é enunciado/reivindicado a partir das macumbas, toda demanda tem vence-demanda e, para nós, casa de caboclo é assentamento encantado. A perspectiva do encantamento é elemento e prática indispensável nas produções de conhecimentos. É a partir do encante que os saberes se dinamizam e pegam carona nas asas do vento, encruzando caminhos, atando versos, desenhando gestos, soprando sons, assentando chãos e encarnando corpos. Na miudeza da vida comum os saberes se encantam e são reinventados os sentidos do mundo. (SIMAS E RUFINO, 2018, p. 12-13).

Pela "ciência da macumbaria, o ponto está riscado: há que se ler a poética para se entender a política, há que se ler o encanto para se entender a ciência". (SIMAS e RUFINO, 2018, p.16). Uma poética e uma política que exige saber que "viver é artimanha que se cultiva entre aquilo que se enxerga e aquilo que mora no invisível, seguimos o rastro da flecha que atravessa o tempo: o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto"

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

(SIMAS e RUFINO, 2018, p.9). Enfim, ainda pelos autores, tudo isso é antes de mais nada, um projeto poético e político que defende:

> O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encante é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas (SIMAS E RUFINO, 2018, p. 7).

Assim, ao tomar a ciência encantada como horizonte epistemológico, este artigo se vincula aos saberes produzidos pelo trabalho do Mestre Griô Dilermando Freitas e na sua proposta intitulada como "Pedagogia da Mironga". Se a macumbaria, como afirmam Simas e Rufino, é ciência que nasce do encanto e se funda no segredo, a mironga se apresenta como uma de suas linhas de força. Uma mironga que se faz pelo fundamento de uma cultura ancestral e pelos saberes do Mestre Griô Dilermando, enquanto expressão, do necessário tensionamento de tudo aquilo que separa a universidade da comunidade, reduzindo os saberes populares a objeto. I que pretendemos, aqui, é fazer dos atos, ritos e gestos acadêmicos, espaços em que a presença e a força do encantamento de uma cultura historicamente silenciada, desde o aviltante processo de escravização, até as formas mais perversas em que o racismo estrutura o aniquilamento e a impossibilidade de modos de ser socialmente justos e igualitários.

2 A MIRONGA

2.1 **A Mironga e o Griô**

A palavra "mironga" possui raízes nas línguas banto, em especial no quimbundo e no umbundo, onde significa mistério, segredo (LOPES, 2012, p. 172). Nas práticas afro-brasileiras, o termo desloca-se para significar também modos de saber e de cuidar que carregam o *axé* e a potência daquilo que não necessita ser dito. "Mironga" não é, portanto, algo que possa ser objetivado em um conteúdo ensinável, ou traduzido por cartilhas ou manuais: é fundamento que se realiza no corpo, no canto, no silêncio, na ressignificação da experiência, na luta pela resistência histórica e cultural.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Os saberes da mironga se inserem na luta contra aquilo que Walter Benjamin (1994) ressaltou como sendo o "empobrecimento da experiência" o processo pelo qual a modernidade capitalista transforma as narrativas vivas em informações descoladas do vivido, reproduzindo o mesmo e afastando os significados mais profundos que nos permitem reencontrar os caminhos da história e da memória.

Já a palavra "Griô" é uma "forma aportuguesada para *griot*, termo franco-africano, criado na época colonial para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes das quais, em geral, está a serviço" (LOPES, 2014, p. 132).

Aproximamos a imagem do "narrador" de Benjamin (1994) com a figura do Griô, para reforçar o sentido de que o Griô é um narrador, um contador de histórias que transmite suas experiências como quem costura o tempo com as mãos, ou planta uvas para beber o vinho da memória, ou até mesmo como quem fala de uma viagem de navio sem a pressa da informação, mas com a confiança de que a riqueza e a continuidade da história não estão nos fatos, mas na partilha.

2.2 **O Mestre Griô Dilermando Freitas**

Dilermando Freitas é um homem negro, de 66 anos, natural da cidade de Pelotas (RS). Sua trajetória é marcada pela articulação entre oralidade, musicalidade e ancestralidade afro-brasileira, tendo como eixos a roda, o tambor e a convivência como espaços de produção de conhecimento e memória coletiva.

Recebeu o título de Mestre Griô, ao lado de Mestre Batista e Mestra Sirley Amaro, por meio da Política Nacional dos Mestres Griôs e da Política Pública dos Mestres da Cultura Popular, que reconhecem e valorizam os guardiões de saberes tradicionais no Brasil.

Ao longo dos últimos vinte anos, construiu experiências junto ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Narrativa, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS) e ao Programa de Educação Tutorial Fronteiras: Saberes e Práticas Populares (PET Fronteiras), propondo pontes entre a universidade e a comunidade. Reconhecido como Mestre da Cultura, Dilermando tem se dedicado a criar práticas educativas que expressam o encantamento, o corpo e a ancestralidade.

Dilermando, no entanto, por ele mesmo, assim pede para ser reconhecido:

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

> Incorporo a afrocentricidade como base política e epistemológica da minha história. Escrevo desde o corpo negro que viveu, aprendeu, resistiu e resiste. A afrocentricidade me oferece as ferramentas para afirmar que os saberes da mironga — vividos no corpo, no axé, na oralidade, nas práticas de cuidado e encantamento — também são formas legítimas de conhecer e educar. Pela afrocentricidade, o meu lugar é o de sujeito de uma tradição que me ultrapassa. Sou parte dela. Me formei nos cruzos, nos pontos, nas rodas. A afrocentricidade, para mim, não é teoria distante: é o direito de pensar com os meus, por nós, para nós. É a escolha de escrever como um homem negro que sabe de onde vem — e que, agora, no caminho de se tornar mestre em Educação, se recusa a renunciar aos saberes que o formaram (GRIÔ DILERMANDO, FREITAS, 2025, p. 17).

E pelo pulsar do tambor, conta também um pouco da sua história:

> Antes da palavra, veio o som. Antes de qualquer discurso, o ritmo. A música foi, para mim, a primeira linguagem. Como músico e percussionista aprendi no terreiro que som é saber, que ritmo é memória. Foi ali que compreendi o tambor como linguagem: cada toque é uma fala, cada batida convoca sentidos que não cabem na gramática da língua escrita. O tambor fala. O berimbau fala. A música fala — com força e com silêncio. A circularidade do terreiro, o Sopapo, a biriba, o tamborim que a miuçalha podia tocar — tudo isso não eram apenas sons, eram códigos, sinais, formações sensíveis de um saber ancestral. Aprender, era e foi, antes de tudo, saber escutar, sintonizar, deixar o corpo seguir o compasso daquilo que vibra. E foi, entre outras coisas, graças a essa trilha musical, enraizada desde o ventre de minha mãe, que eu pude chegar até a faculdade, aos 52 anos. A graduação em Educação Física não foi apenas um título: foi a formalização de um saber que já me atravessava há muito tempo — nos ensaios da escola de samba, nas rodas de terreiro, nos gestos dançados do cotidiano. A música como linguagem é anterior à escrita e à norma. Ela expressa o que não pode ser dito, sustenta o que a palavra não alcança, reescreve histórias onde tudo parecia ruína. Foi no silêncio rompido pelo berimbau que o Guri da Vila Carpena encontrou sua voz. Foi na roda de samba, depois do cerimonial do terreiro, que entendi: meu jeito negro de ser é feito de som, de corpo, de ritmo. Minha história não começou na palavra. Começou na batida. E no pulsar do tambor (GRIÔ DILERMANDO, FREITAS, 2025, p. 71).

A narrativa de Dilermando evidencia que o conhecimento não nasce apenas do verbalizado ou do escrito, mas emerge primordialmente de tudo aquilo que vem antes da palavra, do som e do ritmo, formas ancestrais de comunicação que carregam memórias e sentidos profundos. O tambor, enquanto linguagem pulsante, inaugura um espaço pedagógico onde o corpo e o espírito se encontram, onde o saber é tecido entre o silêncio e a fala, entre o visível e o invisível. É justamente a partir dessa matriz sonora e encarnada que se estrutura a "Pedagogia da Mironga" se reconhece como segredo e o encantamento.

Ao valorizar o que não pode ser plenamente expresso pela palavra, a "Pedagogia da Mironga" se ancora no princípio de que o aprendizado se dá em encontros rituais, em

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

experiências corporais e afetivas que mobilizam o mistério e o invisível — o que Dilermando tão bem retrata ao falar do berimbau, do sopapo, da roda de samba e do pulsar do tambor como fontes originais do seu conhecimento. Essa pedagogia revela que educar é participar de um processo de escuta profunda, de abertura ao segredo que protege e fortalece, de uma relação viva e circular entre mestre e aprendiz, entre passado e presente, entre o sagrado e o cotidiano.

3 A PEDAGOGIA DA MIRONGA DE DILERMANDO FREITAS

A "Pedagogia da Mironga" nasce e se articula através da experiência do Mestre Griô Dilermando Freitas e se funda na força da ancestralidade da palavra mironga, como segredo, fundamento e encantamento. Mais do que um método, trata-se de visão de educação que entende o conhecimento como corpo, música e celebração.

Em diálogo com Nego Bispo (2015), a "Pedagogia da Mironga" se firma como prática de "confluências": um lugar onde saberes de um povo se encontram e se recriam como ciência viva, inseparável da comunidade que os produz. A pedagogia, nesse sentido, não busca traduzir os saberes para caberem na lógica acadêmica, mas cria espaço para que a universidade dialogue com eles, reconhecendo sua força própria.

A proposta da Pedagogia das Confluências, inspirada nos ensinamentos de Nego Bispo, entende a educação como um campo em constante movimento, marcado por cruzamentos, diálogos e encontros que fazem circular e transformar os saberes. Em vez de conceber o conhecimento como algo fixo, essa perspectiva valoriza o trânsito de ideias, culturas e práticas, reconhecendo que é no entrelaçamento orgânico das experiências que ele se constitui.

Essa pedagogia aposta na força das hibridizações e na articulação de múltiplas vozes, que tecem uma rede viva capaz de romper fronteiras entre saberes institucionalizados e tradições populares, entre contextos locais e globais, entre memória e presente. A confluência torna-se, assim, um território de criação coletiva, no qual as diferenças não se anulam, mas se fortalecem mutuamente, gerando aprendizagens que acolhem e expandem. Como lembra Nego Bispo, quando dois rios se encontram, nenhum deles deixa de ser o que é: ambos seguem, misturados, mas mantendo sua essência. É nesse princípio que reside a potência da confluência.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Confluindo, através de Walter Benjamin (1994), é possível compreender que a mironga é, também, antídoto contra o "empobrecimento da experiência": ela reconecta a palavra ao vivido, a narrativa ao corpo, devolvendo à educação o tempo da escuta, da partilha e da memória. Pontuando com o Mestre:

> A Pedagogia da Mironga é segredo e fundamento. Nela, todos os saberes aqui evocados — da libertação, das fronteiras, das confluências, das encruzilhadas, do sopapo e do fuxico — se encontram como rios que desembocam num mesmo mar de encantamento. A mironga é o segredo que se aprende com o corpo, com o silêncio que fala, com o tambor que ensina. É o saber que não se explica, mas que se compartilha Sua força reside naquilo que se transmite pelos saberes da experiência. É a pedagogia que sabe que há saberes que se constroem com pão, com reza, com ponto cantado, com lágrima e com riso. A mironga é o que se aprende entre um gesto e outro, no intervalo das palavras, nos detalhes do dia a dia, no que se deixa ver e no que se guarda para o momento certo. A radicalidade do que proponho aqui se funda nas epistemologias negras, ancestrais, populares e encantadas, e que reconhecem na mironga força e mistério, segredo e encanto, magia e sonho, gesto de Guri e de Preto Velho formaram (GRIO DILERMANDO/FREITAS, 2025, p.86).

Por fim, a "Pedagogia da Mironga" é, sobretudo, um chamado. Um chamado para repensar o que é aprender, o que é ensinar, o que é viver. Um chamado para reconhecer que há saberes que só florescem na presença, na coletividade, no silêncio partilhado. Como nos ensina Nego Bispo (2015), "não se trata de integrar os saberes tradicionais à universidade, mas de inverter a lógica: deixar que os saberes tradicionais afetem e transformem a universidade desde dentro". Dilermando faz isso com beleza e firmeza. Seu saber não busca explicação; busca conexão. E nessa conexão, mirongada e encantada, nos convida a uma outra forma de estar no mundo, por, com e através do segredo.

Muniz Sodré, em *A Verdade Seduzida* (1983), compreende o segredo nas tradições afro-brasileiras não como ocultamento arbitrário, mas como uma tecnologia de preservação da vida e do saber. No universo da oralidade, o segredo estrutura uma pedagogia própria, em que o conhecimento não é dado de forma imediata, mas atravessado por ritos, experiências corporais e contextos de iniciação que o legitimam. Para o autor, guardar é uma forma de manter vivo: quando revelado fora do seu tempo e espaço, o saber perde força e sentido. O segredo, assim, rompe com a lógica ocidental da transparência e da escrita, criando uma dinâmica em que o não-dito é tão potente quanto a palavra pronunciada. Ao mesmo tempo, constitui um ato de

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

resistência política e cultural, pois ao manter certas dimensões inacessíveis à racionalidade colonial, assegura às comunidades afro-brasileiras a autonomia sobre seus próprios modos de existência e transmissão de conhecimento.

A Pedagogia da Mironga, ao inscrever o segredo e o encantamento como fundamentos do saber, encontrou ressonância e apoio com a proposta da etnografia surrealista[5] e dos exercícios de surrealização[6] desenvolvidos através dos trabalhos de pesquisa, ensino e extensão do GIPNALS E DO PET FRONTEIRAS. Este encontro é marcado pelos deslocamentos do olhar da realidade para aquilo que pulsa entre o visível e o invisível, entre o vivido e o sonhado. Ambas as perspectivas recusam a linearidade e a transparência falsa do conhecimento, apostando em uma pedagogia que se constrói no entre-lugar: entre corpo e memória, entre rito e criação, entre palavra e silêncio. Nessa confluência, o aprendizado não é apenas acúmulo de informações, mas experiência que transforma e é transformada; uma prática que, ao mesmo tempo, guarda e reinventa, ecoando o que Muniz Sodré chama de "tecnologias do segredo" e o que Nego Bispo vê como a força viva da confluência. Assim, surrealização e mironga se tocam naquilo que ambas têm de mais potente: a capacidade de fazer emergir mundos a partir de encontros, afetos e encantamentos.

Por fim, em tempos de desencanto, o trabalho de Dilermando, através da sua "Pedagogia da Mironga" se faz sonho real através da grande roda, onde universidade e comunidade se encontram sem hierarquias, ao som do tambor, que marca o chão do conhecimento como território por entre o encanto e o segredo, compartilhado. Nesse sentido, a Mironga não apenas resiste: ela reencanta o gesto de conhecer e alimenta o segredo de viver – tão necessário.

REFERÊNCIAS

[5] É de James Clifford esta contribuição, pelo autor: "O termo etnografia, tal como o estou usando aqui, é diferente, evidentemente, da técnica de pesquisa empírica de uma ciência humana que na França foi chamada de etnologia, na Inglaterra de antropologia social, e na América de antropologia cultural. Estou me referindo a uma predisposição cultural mais geral, que atravessa a antropologia moderna e que essa ciência partilha com a arte e a escrita do século XX. O rótulo etnográfico sugere uma característica atitude de observação participante entre os artefatos de uma realidade cultural tornada estranha. Os surrealistas estavam intensamente interessados em mundos exóticos, entre os quais incluíam certa Paris. Sua atitude, embora comparável àquela do pesquisador no campo, que tenta tornar compreensível o não familiar, tendia a trabalhar no sentido inverso, fazendo o familiar se tornar estranho. O contraste é de fato gerado por um jogo contínuo entre o familiar e o estranho, do qual a etnografia e o surrealismo eram dois elementos (CLIFFORD, 2002, p 136-137)

[6] A "surrealização" postula outra concepção de razão que incorpore ao pensamento o exercício da liberdade de criação tal qual o surrealismo opera nas artes.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura** - São Paulo: Brasiliense, 1994.

BISPO. Nego. **Trajetórias.** Itaú Cultural. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Tqt9BnrolFg&t=4s. Acesso em: 16 set de 2024.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. **Infâncias monotônicas – Uma rapsódia da esperança** – Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. *(Tese de doutorado*) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: Antropologia e literatura no século xx**;** organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. Ed - Rio de Janeiro: Editora UFRI, 2002.

FREITAS, Dilermando. **Saberes da Trilha Griô**. Projeto de qualificação *(Mestrado em Educação*) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

LOPES, Nei, **Dicionário escolar afro-brasileiro** [recurso eletrônico] – São Paulo: Selo Negro, 2014.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil** – São Paulo: Pallas, 2012.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil -** Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

SIMAS, Luiz Antônio, RUFINO, Luiz. **A Ciência Encantada das Macumbas** - Rio de janeiro: Mórula, 2018.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.